Vidas femininas

Silvia La Regina

A inclusão de *Meu marido* de Dacia Maraini (Florença, 1936) entre as obras dos autores sicilianos, no âmbito da série Letras Italianas, foi devida, mais do que a fatores geográficos – a mãe da escritora é siciliana e ela própria morou alguns anos em Palermo – a um critério literário: algumas das obras mais relevantes da autora (os romances *La lunga vita di Marianna Ucria* e *Bagheria*, entre outros) têm como pano de fundo e propriamente como protagonistas personagens e ambientes sicilianos, vindos da infância de Dacia Maraini, relidos e recriados através da lente da memória como tema fundamental que caracteriza todas suas obras. Na realidade seria muito difícil situar geograficamente esta autora que, numa entrevista de 1995, disse "mudei tantas vezes de cidade, de casa: Sapporo, Kyoto, Palermo, Florença, Roma; conheço pouco a estabilidade". O pai da escritora, o etnólogo Fosco Maraini, em 1938 mudou-se com a família para o Japão, onde realizaria uma pesquisa; por causa de sua recusa de assinar a adesão à Repubblica de Salò, depois da queda de Mussolini em 1943, a família ficou três anos presa num campo de concentração japonês. Esta dramática experiência marcou profundamente a escritora, que publicou em 2001 *La nave per Kobe*, um livro baseado nos diários japoneses da mãe; a lembrança daqueles anos, da fome sofrida no campo – "nós crianças não recebíamos absolutamente nada para comer. Para eles [os japoneses] nós não existíamos: éramos as filhas dos traidores antifascistas"; Dacia comia formigas, e um dia o pai cortou, como sacrifício simbólico, um dedo, jogando-o para seus carcereiros – sempre esteve presente na autora.

Na atualidade Dacia Maraini é uma das escritoras italianas mais conhecidas e traduzidas no exterior – mais de dez de seus livros foram traduzidos para vinte e três idiomas, inclusive, ironicamente, para o japonês – e mais lidas na Itália: *Bagheria*, *La lunga vita di Marianna Ucria*, *Buio*, *Memorie di una ladra*, *Lettere a Marina*, *Storia di Piera* estão entre as obras italianas contemporâneas mais conhecidas; ainda que extremamente prolífica, esta romancista, contista, poetisa, jornalista, autora teatral sempre manteve uma coerência notável, marcada pelo compromisso político e feminista e um interesse sempre renovado pela condição e pela figura feminina, na contemporaneidade como no passado. Sua união em 1963 com Alberto Moravia, anteriormente casado com Elsa Morante, também escritora, se por um lado a tornou mais conhecida do grande público, não ofuscou a originalidade e a individualidade de sua produção literária; diferentemente das personagens de *Meu marido*, Dacia Maraini sempre viveu de forma independente, mantendo uma ativa participação no movimento feminista, principalmente em Roma, onde inclusive fundou a primeira companhia teatral inteiramente feminina, La Maddalena, em 1973. O amor pelo teatro, aliás, sempre foi vivíssimo em Dacia Maraini, que colaborou com diversos grupos experimentais romanos a partir de 1967, e desde então escreveu mais de trinta peças, algumas das quais representadas fora da Itália.

Maraini sempre se interessou pela literatura: ainda no colégio fundou com duas colegas uma revista literária, e pouco depois publicou alguns contos na revista *Nuovi argomenti*; sua verdadeira estréia narrativa foi em 1962, com o polêmico romance *La vacanza*, que relata a iniciação sexual de uma adolescente e mais em geral é centrado sobre a questão da condição feminina, tema, aliás, que nunca foi abandonado pela autora: Dacia Maraini conta que teve seu primeiro encontro com o movimento feminista em 1964, durante uma viagem a trabalho nos Estados Unidos, e sucessivamente começou a freqüentar grupos feministas, lutando pela conquista de direitos então negados. A escritora inclusive publicou numerosos ensaios sobre temas como a família, a violência, o aborto, a sexualidade.

Dacia considera sua carreira literária dividida em três fases: a primeira, na qual ela lutava contra sua própria alienação através da descrição a e análise da vida de mulheres, promovia a necessidade de superar a tradicional

separação entre público e privado, lutava em favor da liberação da mulher; a segunda, na qual começou a expressar sua ideologia, promovendo mudanças sociais e políticas (deve ser lembrada sua ativa participação política, sempre vinculada a partidos de esquerda); na terceira, a atual, ela se empenhou para combater "as certezas ideológicas". Esta última fase é a que de certa forma popularizou mais a obra da autora, sem porém que ela abrisse mão de sua ideologia ou de seus temas: pelo contrário, podemos considerá-la como a fase mais madura e mais bem-acabada, na qual a tendência autobiográfica, ainda que diluída em vários personagens, própria de boa parte da narrativa de marca feminista (desde os primórdios, como o romance *Una vita*, de Sibilla Aleramo, publicado em 1906) e conseqüentemente das primeiras duas fases da carreira literária de Dacia Maraini, é fonte de inspiração, reescrita fundindo fatos históricos e memória pessoal. Penso aqui principalmente em *La lunga vita di Marianna Ucria* (1990), romance histórico sucesso de público e de crítica que conta a existência de uma moça de família nobre na Sicília da primeira metade do século XVIII, Marianna, inspirada numa antepassada de Dacia Mariaini, que é surda-muda e por isso aprende novas formas de se expressar, principalmente através da escrita, naquela época reservada quase que unicamente aos homens; seu personagem é extremamente rico e bem delineado, numa narração de amplo respiro que, se por um lado se insere na tradição do romance histórico, pelo outro a renova por dentro, perpassando-o sutilmente por uma ideologia renovada e sempre coerente. Um grande número de personagens, alguns inesquecíveis, povoa este romance que pode ser considerado como um dos mais bem sucedidos dos últimos anos na Itália. Maraini escreveu sobre *Marianna Ucria*: "Gostaria que este romance comunicasse uma idéia profunda e sensual da Sicília, gostaria que Marianna fizesse companhia aos leitores com seu silêncio carregado de pensamentos".
Pertence a esta fase também *Bagheria* (1993), evocação de personagens e paisagens da infância da escritora, que volta a ser protagonista desta viagem pela memória e pelas sensações infantis na construção de uma Bagheria (pequena cidade perto de Palermo) revivida com suas cores e seus cheiros, *locus* mítico e fabuloso da lembrança.

Mais recentemente, Maraini publicou os contos de *Buio* (1999, ganhador do prestigioso premio Strega), doze estórias sobre violência e pobreza, infância e adolescência, por vezes originados por histórias verdadeiras, livremente recriadas pela escritora, que em todas coloca a figura da humaníssima delegada Adele Sofia.

As características mais marcantes da narrativa de Dacia Maraini são uma linguagem coloquial, despojada, sóbria e essencial, extremamente contemporânea, por um lado, e pelo outro a escolha quase que exclusiva de protagonistas femininas (eventualmente pode haver crianças, como Gram, de *Buio*), muitas vezes como narradoras. É este o caso de *Meu marido*: os doze contos que compõem a obra, publicada em 1968, são todos escritos na primeira pessoa, e todos têm como protagonista uma mulher diferente, por vezes anônima, em geral jovem, de diversas classes sociais mas sempre enfocada em sua angústia existencial, provocada pela luta pela independência material e principalmente emocional. Estes contos constituem um testemunho histórico e literário sobre a condição feminina, através de retratos impiedosos, freqüentemente cruéis, e ainda assim descritos numa linguagem neutra e asséptica, de mulheres por vezes completamente submissas, como a protagonista de "Meu marido" , anulada na adoração do marido e do próprio som das palavras "meu marido" que parecem lhe doar sua inteira identidade; ou a protagonista de "Os lençóis de linho", embrutecida pela aceitação de um estado de total subserviência ao marido e à sua amante. Mulheres esquecidas de si, numa amnésia que simboliza a perda de identidade vivida por quem se anula numa existência na qual ela "sofria ... obtusa e cegamente à busca de um abrigo, sem nunca encontrá-lo" ("O letargo"); a perda de memória é tema central do conto "A árvore de Platão". Amnésia como ausência de si, como extrema forma de alienação, mas também, como no romance *A memoria* (1967), extrema recusa da sociedade e de suas regras opressivas.

Há, porém, na obra também figuras de mulheres mais ativas, conscientes de si, sujeitos de relacionamentos por vezes bastante anticonvencionais, como a protagonista de "A outra família", bígama sem culpa, ou a de "Maria", que mantém um relacionamento homossexual (assunto em 1981 do romance epistolar *Lettere a Marina*), ou ainda a de "As mãos" – conto, aliás, no qual a presença obsessiva da comida, e principalmente sua falta, nos remete diretamente à fome sofrida por Dacia Mariani no Japão. "As mãos", o conto mais extenso do livro, é um diário frio e essencial, pontuado pela ausência – de dinheiro, de comida, de amor; o diário, aliás, várias vezes é usado pelas vozes que monologam ao longo da obra. Diário, logo autobiografia como remédio contra a falta de memória: "Nada em mim poderia falar melhor do que este diário que tem uma forma enquanto minha consciência não tem, que é composto por um passado e um presente, enquanto minha consciência está fora do tempo, que é cheio de lembranças- testemunhos enquanto minha memória está vazia e inerte" ("A árvore de Platão"). De uma forma geral, para Dacia Mariani o emprego de módulos autobiográficos, verdadeiros ou ficcionais (e neste caso fortemente realistas), torna-se instrumento de auto-conhecimento e por isso fundamental no processo de libertação da mulher.

A sexualidade tem uma presença relevante na obra, ainda que por vezes vivida de forma quase que inconsciente por protagonistas jogadas por sua alienação em existências como que sonambúlicas; por outro lado, percebe-se que unicamente através de suas experiências eróticas estas mulheres podem chegar a uma maior adesão à realidade. Pressentem-se, nestes contos publicados no ano da grande contestação, todas as temáticas que serão exploradas não só por Dacia Maraini como também por numerosas outras autoras na década de '70. Aqui a palavra significa realmente, como para outras grandes escritoras feministas desta época (Maria Rosa Cutrufelli, Lidia Ravera), junção da mente e do corpo, da sexualidade e da escrita, num gesto de coragem conscientemente político; escrever para ser e ser visível – e ter muito mais do que um quarto todo para si.

Enfim, *Meu marido* é uma obra que contém em si os germes de toda a produção de uma grande escritora assim como de uma época inteira, num estilo extremamente contemporâneo e instigante.

[Publicado em Dacia Maraini. *Meu marido*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002. p. 11-16]